

## EDITORIAL

É passo decisivo na história da circulação de revistas científicas brasileiras a publicação do segundo número. Assim é muito significativo trazer à luz o número 2 de *Epistême*. Conseguimos, com a recente publicação do primeiro número, vencer inúmeros percalços da burocracia acadêmica, que fizeram que o mesmo tivesse uma gestação em editoração de mais de dois anos.

Agora, nos é permitido acreditar novamente na publicação de uma revista destinada a ser um dos *locus* para a apresentação da produção daqueles e daquelas que refletem sobre a Filosofia e a História das Ciências ao questionamento do leitor / da leitora. Estamos, assim, buscando dar continuidade aos propósitos que audaciosamente colocamos no editorial do primeiro número. É muito bom vencer desafios, mas é ainda melhor, continuar a tê-los. Sabemos que vencemos apenas a sofrida largada.

Neste número de *Epistême* fazemos uma mirada da Filosofia e da História das Ciências com olhos de professoras e professores e por isso estamos vendo a dimensão destes conhecimentos na / para a sala de aula. Com esta temática multifacetada estamos buscando perspectivas para contribuir com modificações na Educação. Isto é feito em duas dimensões, antecedidas de uma abertura especial.

Como abertura somos levados a ouvir um instigante bate-papo, onde o metrônomo é o ruído de uma cadeira de balanço, entre Anna Carolina Krebs Pereira Regner e o Dr. Timothy Lenoir, da Universidade de Stanford (Califórnia / USA), um dos referenciais mais inovadores no panorama da Filosofia e da História da Ciência, mostrando uma trajetória, que, se forjada na visão filosófica tradicional, alimenta propostas marcadas de um veio pós-moderno.

Na primeira das dimensões há três artigos que fazem uma exposição de abordagens na ótica de teóricos que emprestam contribuições que fazem história pelo quanto são de grande atualidade. No primeiro destes artigos Silvio Antônio Colognese leva-nos a uma (re)visitação de Mannheim, Merton, Kuhn, Bourdieu e Luhmann; com eles Colognese nos sugere fazer estudos de coletividades científicas, dando ênfase especial ao problema da autonomia da ciência. No segundo dos artigos desta série, Michel Foucault é mostrado como uma alternativa para iluminar nossas possibilidades de fazer Educação, numa análise arguta de Alfredo José da Veiga Neto. Para encerrar esta dimensão temos o texto de Anna Carolina Krebs Pereira Regner

apresentando aquele que chegou a ser considerado um dos maiores inimigo da Ciência neste século: neste artigo a discípula não fala apenas daquele que foi seu professor, mas também mostra revisões que Paul Feyerabend fez do seu controvertido *Contra o Método*, em edições mais recentes, ainda não disponíveis em português.

Na segunda das dimensões convidamos ao leitor / à leitora para, através de quatro artigos, olhar histórias de Ciências que fazem parte dos conhecimentos que usualmente estão presentes em nossas salas de aulas. No primeiro dos artigos, Maria Lúcia Castagna Wortmann mostra, aqui um pouco da história do curso de Biologia da UFRGS apresentando acontecimentos que focalizam os processos que envolveram a inclusão, exclusão, reorganização ou permanência de áreas de conhecimento abrangidas pelo currículo desta formação universitária, durante aproximadamente cinquenta anos, examinando diferentes tipos de condicionantes envolvidos no complexo jogo de forças e movimentos que se associa ao processo de valorização e consolidação de áreas de conhecimento em um curso universitário. A seguir, Rualdo Menegat faz uma historiografia do ensino de uma disciplina que, paradoxalmente está muito perto e muito longe de nossas salas de aula: a geologia. Os dois outros artigos desta dimensão são sobre uma das Ciências que não é muito amada pelas alunas e pelos alunos do ensino médio: num deles Antônio Sérgio K. Milagre mostra as múltiplas tessituras entre o social, o político, o econômico e quanto estas estão presentes no ensino de Química, esta situação se constitui em exemplo marcante das repercussões econômicas, sociais e políticas que decorreram da incorporação da ciência à base produtiva; no outro dos artigos, Attico Inácio Chassot apresenta um pioneiro da Educação Química no Brasil denunciando o quanto silenciámos a nossa história pré-cabralica (até a inculcação de que a mesma não existe) e quanto, hoje temos que seguir, para o nosso fazer pedagógico, as ainda válidas recomendações do Conde da Barca - que também já mereceu destaque com uma parte deste artigo que foi publicado no n. 60 (1996) da revista *Química*, editada pela Sociedade Portuguesa de Química.

Por fim, como uma manifestação especial este número se encerra com uma merecida homenagem que o Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências faz a um grande brasileiro recentemente falecido: Florestan Fernandes; ele é nos apresentado pela sua obra através de um texto de Enno Dagoberto Liedke Filho.

Assim é o segundo número de *Epistême*. Chamamos ainda a atenção daqueles e daquelas que quiserem enviar suas colaborações para os próximos números - e aqui é preciso dizer quanto nós as aguardamos - que fizemos algumas adaptações nas *normas gerais de*

*publicações de trabalhos.*

Agradecemos ao leitor / à leitora o prestígio da companhia e desejamos que este número acrescente novas interrogações naquelas e naqueles que procuram com a Filosofia e História da Ciência leituras mais interdisciplinares do mundo e com estas buscam transformá-lo para melhor.

A Comissão Editorial